

PIXO. Direção: João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo, 2009. 1 DVD (61 min), documentário.

OLIVEIRA, Gustavo Coelho de. **Pixação: arte e pedagogia como crime**. 2009. 372 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.



figura01.jpg
Vários artistas.
Agenda em São Miguel Paulista, 2013.
Disponível em:
<<https://www.facebook.com/RuasDeSp/photos/a.248840715297447.1073741867.117989135049273/260928107422041/?type=1&theater>> Acesso em: jul. 2014.



figura02.jpg
Vários artistas.
Agenda no Rio de Janeiro, 2010.
Disponível em:
<<https://www.facebook.com/RuasDeSp/photos/a.129966010518252.1073741832.117989135049273/136482843199902/?type=1&theater>> Acesso em: jul. 2014.



Figura03.jpg. Vários artistas.
Pixação em prédio, 2014. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=268684530003406&set=a.231735607031632.1073741827.231413383730521&type=1&theater>> Acesso em: jul. 2014.



Figura04.jpg. Syder, Rupestres e Rastro's.
Pixação uberlandense, 2014. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=718981768195941&set=a.100616443365813.848.100002523721184&type=1&heater¬if_t=photo_comment> Acesso em: jul. 2014.

A TRANSDISCIPLINARIDADE NA OBRA RELIGIOSA DE BENEDITO CALIXTO: HISTORIOGRAFIA, ARTE E TEOLOGIA

Karin Philippov¹

O artista e historiador Benedito Calixto, que viveu entre 1853 e 1927, possui uma extensa obra religiosa que permite uma leitura transdisciplinar agregadora de valores histórico-historiográficos, artísticos e teológicos, dentro do contexto de sua ampla produção no início do século XX paulista, sobretudo no que concerne seu posicionamento artístico dentro da Igreja e da Primeira República. Desse modo, podem-se estabelecer pontos comuns entre o pensamento do artista historiador e aspectos teológicos inerentes ao Concílio Vaticano I, ainda oriundos do antigo Concílio de Trento (1545-1563), relativos à necessidade de encantamento e arrebatamento do fiel dentro do espaço sacro como a própria Igreja é e sacralizado pela arte de Calixto, em um Estado laico, desde a Constituição de 1891.

Ao receber suas encomendas da Igreja, Calixto toma para si não somente o papel de artista, como também de historiador e arqueólogo responsável por desvendar no passado da instituição Igreja, sua história, os martírios dos primeiros cristãos, a fim de construir uma nova narrativa a ser implantada e imposta na São Paulo da virada do século XX, ou seja, em suas encomendas Calixto demonstra claramente seu viés transdisciplinar estabelecendo um claro diálogo entre as disciplinas de História, Arte, Arqueologia e Teologia dentro do universo da Igreja Romanizadora do início do século XX, que se afirma dentro do contexto da Primeira República em São Paulo. Aqui, cabem as seguintes questões: quais as intenções de Calixto? O que a Igreja pretende ao resgatar sua história milenar em São Paulo? E, finalmente, como a Primeira República se insere nesse contexto?

Assim, na obra religiosa de Calixto percebe-se a transdisciplinaridade de seu discurso calcado a partir de sua intensa pesquisa histórico-arqueológica à serviço da Igreja Romanizadora vinculada à elite cafeeira que comanda a Primeira República em São Paulo, nesse momento. O artista elabora suas encomendas e dentro desse universo deve-se salientar uma situação paradoxal

¹ Doutoranda em História da Arte junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – IFCH-UNICAMP, com bolsa CAPES.

referente tanto à presença da Igreja no Estado laico, ou melhor, no ideário da elite cafeeira, quanto na iconografia que Calixto apresenta dentro das igrejas que decora na capital paulista, sobretudo, na Igreja de Santa Cecília. Percebe-se, dessa maneira, o caráter paradoxal de um Estado que se quer laico desde sua Constituição de 1891, mas que ainda frequenta as igrejas e doa dinheiro para obras, encomenda batismos, participa ativamente de cerimônias religiosas, como missas, batismos e matrimônios. Aqui, nesse ambiente no qual a tradição religiosa permanece, nos primeiros anos do século XX, parece ocorrer uma transformação social, histórica e artística dentro da própria Igreja.

Tal transformação ocorre na tipologia construtiva dos templos religiosos e a mesma acontece igualmente na cidade afetando seu plano urbanístico. São Paulo deixa de ser um lugarejo colonial com igrejas barrocas, para se tornar cidade europeia moderna, com edifícios afrancesados ou italianizados, com igrejas de plantas revivalistas, ou seja, neogóticas, neorromânicas e neobizantinas. Assim, com a elevação do Padre Duarte Leopoldo e Silva à condição de bispo, Calixto executa, de 1907 a 1917, uma encomenda especial que consiste na decoração da recém-construída Igreja de Santa Cecília de planta neorromânica com elementos néobizantinos, com santos martirizados, escolhidos previamente por Dom Duarte Leopoldo e Silva.

O que inicialmente chama a atenção nessa encomenda concerne à introdução de novos santos na realidade paulista da Primeira República. O artista historiador insere santos desconhecidos da elite paulista, na Igreja de Santa Cecília. Quem são esses santos? Por que Calixto os representa? A situação em si é paradoxal e o artista cobre as paredes da Igreja com mártires do Cristianismo primitivo, como Santa Symphorosa e São Tarcísio, santos que não eram cultuados pelos católicos paulistas, mas que a partir da Reforma Romanizadora aplicada firmemente por Dom Duarte Leopoldo e Silva, passam a integrar o devocionário paulista durante a Primeira República. Cria-se, portanto, um discurso pautado pelo anacronismo, no qual se resgatam os primórdios do Cristianismo, através de seus santos martirizados por professarem a fé em Cristo e inserem-nos em uma realidade completamente distinta daquela do Império Romano. Evidentemente, há um discurso por trás dessa importação, ou melhor, dessa transposição hagiológica.

No início da presente comunicação se fala em Concílio Vaticano I e em Concílio de Trento. Sabe-se que o Concílio de Trento prega o arrebatamento do fiel que deve ser envolvido em todos os seus sentidos dentro da Igreja. O Concílio Vaticano I também defende a mesma política. Embora o último Concílio tenha ocorrido ainda no século XIX e que a realidade paulista seja completamente diferente da europeia, não obstante a importação de modelos arquitetônicos europeus, a obra religiosa de Calixto se vincula a esse universo, pois se deve compreender o artista historiador como homem de seu tempo e introdutor de uma nova tipologia sacra na Igreja de Santa Cecília; tipologia essa que engendra nova linguagem teológica para a História da Arte. Aqui, refere-se à presença dos santos martirizados da Igreja Católica cotejados ao ex-escravizador de índios, Pedro Correa, que tornado santo por ter se convertido ao Catolicismo e tornado jesuíta, acaba sendo martirizado pelos índios pagãos no século XVI.

A transdisciplinaridade de Calixto se vincula a esse novo modelo de iconografia que eleva um facínora a condição de santo, agregando-lhe valor teológico também. O discurso calixtiano comunga os valores tanto da Igreja Romanizadora comandada pelo bispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, quanto da elite cafeeira, portanto. Além disso, Calixto ainda insere suas pinturas dentro de um ambiente revivalista, no qual há espaço para santos martirizados protocristãos, como São Tarcísio, Santa Symphorosa e Santa Cecília. Ou seja, a decoração de Calixto estabelece a transdisciplinaridade em perfeito diálogo com a Igreja, com a Primeira República e internamente, dentro do próprio espaço religioso, elaborando sua poética religiosa em diferentes níveis.

Por exemplo, ao incluir na Igreja de Santa Cecília, além da própria santa que dá nome a paróquia, o artista inclui Santa Symphorosa e São Tarcísio. Mas quem são esses santos? Por que eles estão incluídos no programa iconográfico da igreja? Por que Dom Duarte Leopoldo e Silva e Benedito Calixto escolhem estes santos? Nota-se aqui, um novo projeto pedagógico da Igreja, que ao incluir novos santos, faz com que seus fieis passem a incluí-los em seu devocionário privado, em substituição a santos populares brasileiros não reconhecidos pela Igreja Católica. Sabe-se que Santa Symphorosa ² é martirizada junto com seus filhos, pelo Imperador Adriano entre 117 e 138 D.C., por professarem o Cristianismo dentre os pagãos romanos. Já, o acólito do Papa Xisto II, São Tarcísio ³ é martirizado ainda garoto em quinze de agosto de 257 D.C.. A iconografia sacra

2 <http://es.catholic.net/santoral/articulo.php?id=493>. Último acesso em 21 de setembro de 2014.

3 <http://www.paulinas.org.br/diafeliz/?system=santo&id=673>. Último acesso em 21 de setembro de 2014.

brasileira até então, não possuía registros de suas presenças nas igrejas e, por intermédio de Dom Duarte Leopoldo e Silva, passam a ser cultuados em São Paulo, a partir da Primeira República. Desse modo, percebe-se a força da determinação bispal na escolha dos novos santos, bem como das iconografias a serem exploradas dentro do espaço sagrado.

Nas paredes do presbitério, Calixto elabora o ciclo de pinturas sobre a vida e morte, por martírio, de Santa Cecília. Além de ser mais conhecida pelo público paulista, uma vez que no século XVIII já havia uma pequena capela de madeira dedicada à mesma santa no mesmo local, Santa Cecília aparece representada de um modo pouco comum não só em São Paulo, como na Europa, no mesmo período. Aqui, refere-se à presença da santa em seus momentos finais de vida e não como padroeira da música, como a Contrarreforma assim prefere. Há, no entanto, algumas representações de Santa Cecília em cenas de martírio entre o final do Trecento e início do Quattrocento italiano. Porém, os esquemas formais de Calixto em nada lembram os antigos, pois as cenas italianas executadas entre o final do Trecento e início do Quattrocento, referentes à santa em questão, a apresentam seguindo esquemas medievais de representação com multiplicidade de cenas em um único espaço. Calixto, em contrapartida, apresenta as cenas do martírio de Santa Cecília em espaços individualizados, empregando a perspectiva renascentista, fazendo inclusive, a citação de elementos arquitetônicos clássicos vinculados às pesquisas arqueológico-históricas que realiza assim que recebe a encomenda de Dom Duarte Leopoldo e Silva.

Aqui, também se percebe o caráter transdisciplinar de sua produção que vincula a santa mártir à história paulista dos primeiros anos da República, indo de encontro aos anseios da própria Igreja Romanizadora. Sabe-se que a Romanização da Igreja Católica ocorre com a finalidade de controlar o culto, mantendo a hegemonia da Sé Papal, através da unificação de práticas e devoções. Cabe lembrar que até poucos anos antes, a Igreja era completamente desarticulada em São Paulo, que era uma pequena cidade. Com o advento da República, São Paulo começa a crescer e necessita de novos moldes para se firmar como a nova metrópole cafeeira. Surgem novos edifícios e igrejas feitos com nova linguagem importada da Europa, especificamente da França, da Itália e da Alemanha.

A atual versão da Igreja de Santa Cecília, que começa a ser construída a partir de 1895, segue a nova linguagem arquitetônica trazida pela Itália, através do arquiteto florentino Giulio

Micheli, que é o responsável pela planta neorromânica de traços neobizantinos da Igreja. Desse modo, Calixto insere seu grande conjunto de pinturas a óleo sobre tela de iconografia martirizante na mesma, levando em consideração a planta de Micheli. Na realidade, o artista segue os mesmos preceitos contrarreformísticos, nos quais a decoração se integra à arquitetura, que por sua vez, está diretamente vinculada ao culto religioso destinado a arrebatá-lo o fiel de todas as formas possíveis, sejam elas pela visão, pela audição, pelo tato e pela fé.

Tal discurso está diretamente inserido ao que Dom Duarte Leopoldo e Silva apregoa em seus escritos, destinados a trazer as famílias e educá-las segundo os ditames da nova Igreja Romanizada. Cabe ressaltar que por mais de quatrocentos anos, a Igreja teve múltiplas formas de culto e de devoção popular, inclusive a santos não reconhecidos pela Santa Sé. Com a Romanização, as devoções são corrigidas e o culto homogeneizado. Se Calixto possui um discurso transdisciplinar, pode-se afirmar que o grande responsável por isso seja Dom Duarte, que lhe fornece subsídios para produzir obras em conformidade aos ditames da nova Igreja, agora vinculados aos da Primeira República, regida pela elite cafeeira. Portanto, a presença de Pedro Correa no programa iconográfico da Igreja de Santa Cecília, coaduna-se ao pensamento e anseios da mesma elite que se quer fundante de uma metrópole. Assim, a presença dos santos martirizados páleo-cristãos associados a Pedro Correa e ao retrato de corpo inteiro de Dom Duarte somente reforça esse aspecto transdisciplinar que une história, arqueologia, política, arte, teologia e Catolicismo.

Portanto, Calixto atua firmemente junto a Dom Duarte Leopoldo e Silva no projeto e execução da decoração da Igreja de Santa Cecília, com a clara intenção de estabelecer um novo contexto religioso para São Paulo, cidade que nesse momento se reconstrói radicalmente através da demolição de igrejas antigas e da construção de novas igrejas, além de novos edifícios e ruas que se impõem na crescente cidade no início do século XX.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Caleb Faria. *Benedito Calixto e a Construção do Imaginário Republicano*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DANTAS, Arruda. *Dom Duarte Leopoldo*. SP: Sociedade Imprensa Pannartz, 1974.

POLETINI, Moisés. *Um Estudo das Obras Sacras de Benedito Calixto*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: IFCH-UNICAMP, 2003.

TEIXEIRA, Milton. *Benedito Calixto Imortalidade*. Santos, SP: Editora da UNICEB, 1982.

WÖLFFLIN, Heinrich. *A Arte Clássica*. Trad. Marion Fleischer. SP: Martins Fontes, 1990.